



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO DOS NOVOS BISPOS

*Sala dos Suíços do Palácio Pontifício de Castel Gandolfo
Quinta-feira, 21 de Setembro de 2006*

Queridos Irmãos no Episcopado!

Dirijo a cada um de vós a minha cordial saudação. Antes de tudo, dirijo-a ao Senhor Cardeal Giovanni Battista Re, o qual se fez intérprete dos vossos sentimentos, e faço-a extensiva com afecto a quantos organizaram e coordenaram este vosso encontro. Ouvistes nestes dias a experiência de alguns Chefes de Dicastérios da Cúria Romana e de Bispos, que vos ajudaram a reflectir sobre alguns aspectos do ministério episcopal de grande importância para o nosso tempo. Hoje é o Papa que vos recebe com alegria e se sente feliz por partilhar convosco os sentimentos e as expectativas que viveis nestes primeiros meses do vosso ministério episcopal. Sem dúvida, já experimentastes como Jesus, o Bom Pastor, age nas almas com a sua graça. "*Basta-te a Minha graça*" (2 Cor 12, 9) foi a resposta que ouviu o apóstolo Paulo quando pediu ao Senhor que o poupasse dos sofrimentos. Esta mesma consciência alimente sempre a vossa fé, estimule a busca dos caminhos para alcançar o coração de todos com aquele optimismo sadio que deveis irradiar sempre em vosso redor.

Na Encíclica *Deus caritas est* escrevi que os Bispos têm como primeira responsabilidade edificar a Igreja como família de Deus e como lugar de ajuda recíproca e de disponibilidade (cf. n. 32). Para poder cumprir esta missão recebestes, com a consagração episcopal, três ofícios peculiares: o *munus docendi*, o *munus sanctificandi* e o *munus regendi*, que no seu conjunto constituem o *munus pascendi*. Em particular, a finalidade do *munus regendi* é o crescimento na comunhão eclesial, isto é, a construção de uma comunidade concorde na escuta do ensinamento dos apóstolos, na fracção do pão, nas orações e na união fraterna (cf. Act 2, 42). Estreitamente unido aos ofícios de ensinar e de santificar, o de governar precisamente o *munus regendi* constitui para o bispo um autêntico acto de amor para com Deus e para com o próximo, que se

expressa na caridade pastoral. O Concílio Vaticano II indicou isto de modo autorizado na Constituição *Lumen gentium*, propondo aos Bispos como modelo Cristo, Bom Pastor, que não veio para ser servido mas para servir (cf. n. 27). Em continuidade com ela, a Carta apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* convida o Bispo a inspirar-se constantemente no ícone evangélico do lava-pés (cf. n. 42). Só Cristo, que é o amor encarnado de Deus (cf. *Deus caritas est*, 12), nos pode indicar de modo autorizado como amar e servir a Igreja.

Queridos Irmãos, a exemplo de Cristo cada um de vós, na solicitude quotidiana pela grei, se faça "tudo para todos" (cf. *1 Cor 9, 22*) propondo a verdade da fé, celebrando os sacramentos da nossa santificação e testemunhando a caridade do Senhor. Acolhei de coração aberto quantos batem à vossa porta: aconselhai-os, confortai-os e apoiái-os no caminho de Deus, procurando guiar todos àquela unidade na fé e no amor da qual, por vontade do Senhor, deveis ser princípio visível e o fundamento nas vossas Dioceses (cf. *Lumen gentium*, 23). Tende esta solicitude em primeiro lugar em relação aos sacerdotes. Comportai-vos sempre com eles como pais e irmãos maiores que sabem ouvir, acolher, confortar e, quando for necessário, também corrigir; procurai a sua colaboração e estai próximos deles especialmente nos momentos significativos do seu ministério e da sua vida. Depois, procurai ter a mesma solicitude em relação aos jovens que se preparam para a vida sacerdotal e religiosa.

Em virtude do ofício de governar (cf. *Lumen gentium*, 27) o Bispo também está chamado a julgar e disciplinar a vida do Povo de Deus confiado aos seus cuidados pastorais com leis, indicações e sugestões, segundo quanto está previsto pela disciplina universal da Igreja. Este direito e dever do Bispo é importante como nunca para que a Comunidade diocesana esteja unida no seu interior e proceda em profunda comunhão de fé, de amor e de disciplina com o Bispo de Roma e com toda a Igreja. Por conseguinte, exorto-vos, queridos Irmãos no Episcopado, a ser guardiães atentos desta comunhão eclesial e a promovê-la e defendê-la vigiando constantemente sobre o rebanho do qual fostes constituídos Pastores. Trata-se de um acto de amor que exige discernimento, coragem apostólica e paciente bondade ao procurar convencer e comprometer, para que as vossas indicações sejam acolhidas de bom grado e concretizadas com convicção e rapidez. Com a dócil obediência ao Bispo, cada fiel contribui responsavelmente para a edificação da Igreja. Isto será possível se, conscientes da vossa missão e das vossas responsabilidades, souberdes alimentar em cada um deles o sentido de pertença à Igreja e a alegria da comunhão fraterna, comprometendo os organismos competentes previstos pela disciplina eclesial. Construir a comunhão eclesial seja o vosso empenho quotidiano.

A Carta apostólica *Pastores gregis* e o Directório para o ministério pastoral dos Bispos insistem em indicar a cada Pastor que a sua autoridade objectiva deve ser apoiada pela respeitabilidade da sua vida. A serenidade nos relacionamentos, a delicadeza dos modos e a simplicidade da vida são dotes que, sem dúvida, enriquecem a personalidade humana do Bispo. Na "Regra Pastoral", São Gregório Magno escreve que "o governo das almas é a arte das artes" (n. 1). Arte que exige o crescimento constante das virtudes, entre as quais desejo recordar a da prudência, definida por

São Bernardo a mãe da fortaleza. A prudência tornar-vos-á pacientes convosco e com os outros, corajosos e firmes nas decisões, misericordiosos e justos, preocupando-vos unicamente da vossa salvação e dos vossos irmãos "com temor e tremor" (*Fl 2, 12*). O dom total de vós próprios, que a solicitude do rebanho do Senhor exige, tem necessidade do apoio de uma intensa vida espiritual, alimentada pela oração pessoal e comunitária assídua. Um contacto constante com Deus caracterize portanto os vossos dias e acompanhe cada uma das vossas actividades. Viver em íntima união com Cristo ajudar-vos-á a alcançar aquele equilíbrio necessário entre o recolhimento interior e o esforço necessário exigido pelas numerosas ocupações da vida, evitando cair num activismo exagerado. No dia da vossa consagração episcopal fizestes a promessa de rezar incansavelmente pelo vosso povo. Queridos Irmãos, permaneci sempre fiéis a este compromisso que vos tornará capazes de exercer de modo irrepreensível o vosso ministério pastoral. Mediante a oração, as portas do vosso coração abrem-se ao projecto de Deus, que é projecto de amor ao qual Ele vos chamou unindo-vos mais intimamente a Cristo com a graça do Episcopado. Seguindo-O, o Pastor e Bispo das vossas almas (cf. *1 Pd 2, 25*), sereis estimulados a tender sem vos cansardes para a santidade, que é a finalidade fundamental da existência de cada cristão.

Queridos Irmãos, ao agradecer-vos a vossa agradável visita, desejo garantir-vos a minha recordação quotidiana ao Senhor pelo vosso serviço eclesial, que confio a Nossa Senhora *Mater Ecclesiae*. Invoco a sua protecção sobre vós, sobre as vossas Dioceses e sobre o vosso ministério. Com estes sentimentos concedo a vós e a quantos vos são queridos uma especial Bênção Apostólica.

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana